

Sobre umbrais e afins // Lugares que habitam lugares

Em 29 anos tive 26 endereços em nove cidades. Desenho um esboço automático qualquer, sem teor específico, e percebo que quando crio imagens, sempre recorro às lembranças infantis. Penso na casa onde nasci e nas cenas que lá ocorriam, naquele período de nove anos em que convivi principalmente com minha mãe, minha babá e meu irmão, vinte anos mais velho do que eu. As recordações são tão ou mais vivas do que algumas experiências recentes. A figura de mamãe em 1985 é bem mais marcante do que a de 2010.

Acordo pela manhã no quarto da mamãe. Ela não me deixa dormir sozinha e quer economizar no ar-condicionado. Levanto e ela já foi trabalhar. Tudo ainda meio escuro, persianas fechadas e o ruído longínquo dos freios dos ônibus. Num lapso, tropeço no tapete e saio ao corredor na penumbra de muitas portas que deixam vaziar um risquinho de luz pelas frestas de baixo. Ao todo, somam-se sete portais. O caminho é enorme e parece não ter fim, se não fosse pelo *hall* que se vê ao fundo quando a passagem está aberta. Um umbral que explode claridade para dentro daquele corredor sombrio.

Nunca me esquecerei desse apartamento. 220 m² de muitos quartos, salas e corredores que eu navego sozinha como uma descobridora. Entro nos armários e vasculho as vidas dos que nunca estão. Ouço discos, provo roupas, vejo fotos, tiro cochilos nos colchões dos outros. Infilto-me em todos os cômodos da casa e então eles me pertencem. Sou a única a ter cinco quartos.

A porta pesada da escada do prédio bate atrás de mim e faz um eco surdo. Tenho medo daquela descida cinza que fede a não sei o quê. Corro, salto dois degraus de cada vez, até chegar ao *play*. Lá não tem brinquedos, apenas uma ampla área vazia na qual posso inventar o que fazer. Paredes de concreto, chão de concreto. Aprendi a andar de bicicleta ali, ralando o joelho no concreto. Um espaço nada infantil, nada convidativo. Não existem outras crianças no prédio além de mim. Tenho muito medo do Raimundo que mora nos fundos, naquele canto que nunca atravesso. Vejo a luz que sai da janela do quarto dele e nunca cruzo a linha que se desenha no chão. Aquele território não me pertence e, portanto, respeito-o. Um dia ganhei um pedaço de melancia e passei mal durante uma semana. Tenho muito medo do Raimundo.

Ao sair da classe, encontro mamãe na loja de móveis em que trabalha. São 18:30h, mas ela não sai até às 22:00h. Busco o que fazer naquele intervalo, num mundo de mobílias numa grande casa retalhada, labiríntica. Brinco sozinha numa sala de estar, durmo um pouco numa cama, faço fotocópias do meu rosto na máquina de xerox. Tento me entreter, mas rapidamente terminam as opções de ocupação daquele galpão que conheço de cor. Morro de tédio. A espera é interminável. Acho que três anos já se passaram.

Deito no chão sobre o tapete quentinho. O sol pinta um retângulo sobre mim e acompanho a forma a passear pelo meu corpo. Olho pela janela e no finzinho da paisagem avisto o prédio que um dia pegou fogo. Lembro-me bastante daquele dia. Não nos movíamos daquela mesma janela, entre perplexos e estarecidos, talvez aliviados por estarmos a salvo. Um tio com uma câmera de vídeo alternava entre o incêndio e as minhas caretas com os óculos de sol de mamãe. Provavelmente memorizei o evento graças à gravação, mesmo sem distinguir o fato da ficção.

A Bá mora num quarto que é um espaço-entre. Na verdade é uma passagem entre o corredor "social" e o de "serviço". Não tem janelas, mas duas portas que se miram. Tudo cabe perfeitamente. Abdico do

apartamento enorme para ficar ali. Uma vez abri um guarda-chuva e fiz dele uma casa de boneca. A casa de uma casa de uma casa, como micromundos se sobrepondo em camadas.

Sempre caminho pelas paredes do corredor, pé após pé, como o Homem Aranha. Escalo estantes e prateleiras para me esconder. Lá em cima comecei a ler livros, começando pelas enciclopédias e pela coleção "Primeiros Passos". Longas horas que terminam com o cheirinho de bife e batata frita, anunciando o almoço. Na estante do quarto de mamãe encontrei um presente surpresa embrulhado em papel colorido. Também encontrei um revólver. O susto foi tão grande que desabei. Estatelada no chão, o coração a mil, como se tivesse sofrido o disparo.

Em algumas noites, a Bá me conta histórias para dormir. Eu percorro a voz dela com as imagens que se desenham na minha cabeça. O caminho que João e Maria encontram doces, assim, meio escuro, meio claro, com rajadas de luz que penetram os galhos das árvores. O pé de feijão que atravessa nuvens. O arco-íris onde os ursinhos escorregam até encontrar um pote de ouro no qual mergulhar. Aliás, sempre recorro a esse arco-íris quando tenho pesadelos ou preciso afastar fantasmas. É a imagem que me tranquiliza.

A cômoda de madeira que guardava minha roupa era forrada internamente por um papel branco de florzinhas vermelhas e tinha cheiro de cedro misturado com lavanda. Por um tempo, todas as minhas roupas pareciam reproduzir aquele padrão de diminutas flores coloridas com um perfume peculiar. De repente, o quarto todo mudou para rosa-choque e branco, bolas e listras, como se carecesse de mais sobriedade na decoração. Minhas roupas foram parar num grande armário com cabides brancos iguais aos da minha mãe, mas em tamanho menor. O cômodo passou a me afugentar. Eu queria desenhos de bonequinhas japonesas, rosa-pastel, iguais às do papel de carta, mas mamãe não entendia. O tal espaço que deveria me acolher não tinha nada de meu. Colcha e almofadas que combinavam apenas com a cortina.

•••

A casa é uma torre de cinco pavimentos em zigue-zague. O meu quarto fica no terceiro andar e tem um sótão que me dá medo e vontade de subir. É o espaço da minha solidão. É o espaço do meu silêncio. Só tem uma parede pintada de branco e todo o resto é preto, inclusive a coluna da escada. Móveis antigos em madeira escura e caixas de papelão de mudanças passadas são deixados lá em cima. Gosto de bisbilhotar. Apesar do incômodo cheiro de mofo, demoro-me. Já li diários e pus o vestido de noiva da minha irmã. Na única parede branca, tem um quadro pendurado: uma pintura de um grande edifício em chamas sendo apagadas por bombeiros, com muitas pessoas correndo de um lado a outro, pulando pelos ares ou passeando calmamente pela calçada. Um caos. Passo bastante tempo em silêncio analisando essa cena e recordando-me do prédio que de fato vi incendiar. Também olho através das janelas emperradas pela maresia e que não abrem mais. Tem uma redondinha – que dizem ter pertencido a um navio – que nunca abriu. Consigo avistar o mar através do vidro. Durante horas, observo o azul turquesa lá longe, lindo, contrastado com a areia mais branca do mundo. Imagino como seria bom estar em contato com aquela vastidão. Não posso sair sozinha.

Ao me aproximar da escada, passo pelo menos dois minutos olhando para cima. Preciso ter certeza de que não há ninguém na casa. Quando entrei correndo, sem olhar, tinham roubado tudo. Emigrei por três meses porque tinha pânico da possibilidade de me deparar com um estranho em minha própria casa. Agora sempre deixo as luzes acesas. Durmo com a televisão e o rádio ligados.

Na sala de jantar tem uma mesa de vidro. Deito embaixo dela e vejo tudo através. Formigas carregando migas de pão, o embaçado que ficou do copo d'água, o arranhão do molho de chaves. Fico naquela redoma, quietinha, como se ninguém pudesse me ver, nada pudesse me incomodar.

Enquanto mamãe faz sauna, eu peregrino pelo condomínio. A sala de sinuca, o deque, o jardim. A estátua do anjo-caído no meio do canal marrom que, com o fim da tarde, fica azul. A maré cheia traz a água até a prainha. O vento fino balança as bolas laranjas presas aos fios aéreos. O banheiro é comprido, frio, com cheiro de eucalipto, papelzinho molhado picado e montinhos de cabelo no chão. Fotos de pescadores e suas presas, campeões do ano de 1957, são expostas ao longo dos corredores. "- Seu Otacílio, faz-me algo de comer!" Batata frita, ketchup, guaraná, ovo de codorna, água de bolinha, camarão com catupiry, suco de limão. Escondo-me no carro, com o rádio ligado, atenta aos outros carros que de verdade passam do outro lado do cobogó. Finjo ser uma motorista, até que me canso, abaixo o banco e durmo.

A casa nunca foi acolhedora. O banheiro frio, com cocô de lagartixa nos cantos, com esquadria de alumínio do box quebrada, com porcelana da pia escura que fica russa depois da pasta de dente, com teias de aranha debaixo do armário, com mofo no armário, com traça no armário.

•••

A melhor coisa daqui é a piscina. Sempre tem uma bola, dois bambolês e cadeirinhas de plástico coloridas na beira. Só nado de dia porque preciso enxergar o chão. Beiço roxo de frio. À noite tenho medo de me afogar. Prefiro olhar a água de longe, da sala de jantar, onde me sinto mais protegida. Gosto de vê-la mover-se com o vento e a luz balançando o azul em tonalidades brilhantes.

Nos fundos da piscina tem uma escadinha que dá para um bosque. Nunca entendi aquele terreno vazio de pés de frutas e muitas cadeiras empilhadas. Só vamos ali para buscar a bola que escapa da brincadeira. Tomamos vitamina de banana de manhã, daquelas que ficam esperando na bancada a gente acordar, quando a banana se solta do leite que se solta do açúcar, e fica escura.

O banheiro com piso, vaso e pia azul-marinho. Com sabonete Phebo. Com sauna no chuveiro. Com azulejo de flores que por vezes se repetem. Eu sento no vaso para procurar os azulejos errados. Tem um quadro de uma tourada espanhola com o nome do meu tio impresso. Tem um tapetinho rosado que não combina com nada. Creme de massagem capilar para usar com touca térmica.

O último andar é um terraço, meio lavanderia, meio guarda-entulho. O varal fica estendido e a gente usa como rede de vôlei. O telhado é transparente e por vezes me pego observando as folhas que ficam presas lá em cima. Durante uma semana, acompanhei uma folha mudando de cor paulatinamente, até que o vento a levou embora.

Domingo a gente almoça um prato banhado de feijão, com arroz, abobrinha e carne moída que boia por cima. Bolinhos de soja. Jogamos Lince. Outras cadeirinhas de plástico coloridas, tamanho mini, se espalham pelo quintal verde-musgo.

"Somos do azul-azulzinho."

Na casinha de boneca da prima, também em tamanho mini, só se pode entrar com autorização. Ficamos do lado de fora, imaginando o interior da casinha, com vontade de morar lá.

•••

Tenho amigos em todos os andares. Conheço todas as casas e cada uma tem um cheiro, uma cor, um cachorro. Desço os 24 andares pela escada para tocar todas as campainhas. Quando não quero sair, fico na

varanda vendo o clube, a baía. Em tardes de muito sol, a água brilha tanto que cega. Adoro ver as pessoas, ou melhor, pontinhos que, como lagartos, passam as tardes na boia ancorada perto do deque. Sonho com aquela boia. Quase posso sentir o sol me queimando a pele, o cheiro de coco do óleo bronzeador, a conversinha mole da pessoa estirada ao lado, o radinho de pilha.

Levei bastante tempo para descobrir o campinho. Tinha que descer uma trilha que começa no térreo. De lá avisto as áreas de serviço do prédio, com muitas roupas penduradas e música variada. A repetição de vãos é tanta que cria uma malha na fachada de pastilhas brancas e marrons. A alta construção faz uma sombra que cobre parte do gramado.

A parte da frente do prédio é ocupada por um vasto parque a céu aberto. Temos balanço, escorrega, gangorra e carrossel. Não é bem um carrossel, mas um daqueles brinquedos que a gente roda sem sair do lugar. Fico tonta, porque, ao girar, vejo de relance o prédio muito alto às minhas costas e que de repente perde a referência e fica para trás. As grades que mostram a rua desaparecem na velocidade e só consigo identificar os carros e todo o resto que se move ao meu redor. Nessa grande área de lazer, nos reunimos para ver o carnaval passar. Os carros de som e as pessoas correndo atrás do trio.

Durmo numa caminha debaixo da janela. Sempre olho para o céu e acompanho a mudança de fases da lua. Um dia foi eclipse. Os prédios vizinhos vão se apagando pouco a pouco, janela por janela, até restar só a luz da lua em meio às torres.

•••

No meio da sala tem uma grande mesa de sinuca de feltro verde. Meu pai me ensinou a jogar. Também o órgão me ensinou a tocar. Revezamos entre o bilhar, o cai-cai-balão e a palavra-cruzada.

Aos fundos, uma casinha branca geminada de dois andares fica trancada. Vejo a copinha de uma árvore brotando no telhado. Tenho vontade de subir, mas não posso. Ali se hospedou meu irmão, me disseram. Não o vejo há tempos.

O mar logo à frente. Mesmo feio, cor de Coca-Cola, sinto-me atraída. É que, por primeira vez, tenho acesso ao mundo. Posso caminhar irrestritamente. Sento na areia e contemplo. Meninhas brincando, o sol queimando fraquinho, tão leve diante daquele mar, observando as peladinhos alegres. Volto a ficar em silêncio. Recordo-me da maresia de outrora, mas não sinto saudade. Olho para trás e vejo a casa, sólida, me esperando. Desfruto daquele momento sem querer outro.

Passeamos, meu pai e eu, pela estrada. Talvez seja a cena mais corriqueira da nossa vida em comum. Sinto um prazer enorme em contar as linhas amarelas que separam as pistas asfaltadas, decorar placas de carros e rir das frases dos caminhões. Papai sempre me pergunta quem é o rei da hora – "reilógio" – e o rei da horta – "reipolho" –, e passo o resto da viagem tentando inventar algum rei novo que ele não conheça. A paisagem vai e vem, e busco casinhas perdidas no meio do verde. Nunca entendo como as pessoas chegam até elas. Gostaria de chegar também. Me fazem lembrar de uma casa na qual brinquei uma tarde quando ainda era bem pequena. Não sei os donos. Recordo-me apenas do gazebo, da longa e silenciosa salina, e de um pórtico. Talvez tenha sido a primeira vez que o horizonte parou na minha frente de forma tão direta e intensa. Fiquei hipnotizada pelo céu, que parecia poder me sugar para outra dimensão. Ficar com papai sempre me dá a sensação de poder ir à outra dimensão. Sinto segurança e devaneio.

Ele cantava: "Escureceu, com a chegada do escurinho fica tudo denegrado, seus olhos, sua boca, tomam um certo colorido, nem o diabo quer se parecer contigo, cruz-credo que perigo..."

A fábrica de gelo é um mundo à parte. Papai é o dono, o chefe, e eu sou uma princesa ao seu lado. Sonhei um dia que trabalhava lá, de roupas e botas brancas, entrando e saindo dos grandes frigoríficos metalizados. Quando ele deixa, trabalho na contabilidade e atendo o telefone. Em casa, monto meu próprio escritório.

Outro quarto que não é só meu. Divido *irmãmente*. Temos duas camas, duas mesinhas, dois capachos, duas cômodas. No início, era um quarto de casal ocupado por duas pré-adolescentes, com uma foto de palhaço na parede, e um cabideiro cheio de bolsas coloridas que não pertenciam a ninguém. É incrível como sempre ocupo o lugar que já foi de alguém. Nunca entro num quarto virgem e projeto o espaço em que vou morar. Adapto toda e qualquer situação com o afã de habitar.

Tenho uma amiga da minha idade para compartilhar tudo. Nunca soube bem o que era isso dentro da minha bolha individual. Ter uma companheira significa inventar junto, imaginar junto, aprontar junto. Até então, tudo o que eu fantasiava pertencia apenas a mim mesma. O fazer coletivo não está tão mal assim, mas ainda esforço-me para ser solidária, altruísta.

Sáimos à noite para pedalar pelos becos do bairro. Damos tapinhas nos postes para que eles se apaguem, deixando uma trilha escura atrás de nós.

Tem uma santa no meu quarto que fica perto da janela e que serve para me proteger. De dia é tão boazinha, manto azul, véu branco, pisando numa cobra. De noite me deixa insone. As luzes da rua a iluminam por trás, as cortinas balançam e a deixam em evidência, tridimensional, imponente. É como se crescesse, virasse humana, e pudesse caminhar até mim. Tenho medo e jogo videogame até clarear. Quando papai morreu, culpei a santa.

•••

Todos na festinha de criança. De saco cheio, me escondo no quarto. Misto de tristeza, desesperança, tédio. Subo na janela e olho longe, o vazio. Espelhismo. Não tenho coragem de me mexer. Desço. Ligo a televisão. Durmo.

O apartamento é compacto. Tudo tem seu lugar, menos eu.

Invado a estante de livros da minha irmã que agora fica no meu quarto. Dei pra ler livros de bruxas e esoterismo, e alguma coisa de política. Passo tardes inteiras vendo filmes alugados e faço pouco mais que isso. O sol da tarde cai direto na minha cama... o calor é insuportável. Fecho a cortina e vivo no breu, 24 horas.

•••

A vontade de morar num prédio antigo começou quando passava as noites de sexta na casa da vovó. A entrada do edifício tinha colunas enviesadas e parecia o cenário de algum programa de televisão. Chegava sempre por volta das 18h, já escurecendo, com as cigarras históricas nas árvores das ruas. Minha avó me esperava com um copinho de café com leite, pão com manteiga esquentado no garfo, direto na boca do fogão, e pudim de coco. A sala tinha sanca e sinteco. Sentada no chão, eu costumava espalhar a coleção de lápis nos tacos de madeira – lápis de brinde de alguma loja de ferragem que vinha com uma borrachinha acoplada à ponta. Era bom não sentir o pinicar do carpete. Na parede tinha um enorme retrato do Papa, aquele que visitou o Brasil no ano em que nasci. Eu achava que ele era o marido da minha avó, mas nunca achei que fosse meu avô. Meu avô era o Chacrinha.

Minha janela é de fundos e vejo um trecho da Lagoa. O vizinho da frente é hippie e mora numa casinha de madeira, tipo "casa da árvore". Escreve à máquina, ouve jazz. Aos poucos, começo a apreciar o jeito de o hippie viver, com a exceção dos enormes cabelos grisalhos que tocam o chão. Gravo fitas direto da rádio, coloco uma samambaia no quarto, encho de livros a mesinha de cabeceira, tudo para criar um ambiente parecido com o do hippie. Fico mais esperta, mais atenta, mais íntima, mais solitária, mais silenciosa. Não tenho vontade de socializar com os demais na casa, então faço do meu quarto um lugar autossustentável. Tenho tudo que preciso a meu alcance. A cama fica embaixo da janela. Se quiser ficar debaixo das cobertas, lendo, vendo televisão e ouvindo música, posso. Também posso espiar o hippie. Tenho todos os controles, todos os comandos.

••••

A porta bate e me encontro sozinha entre malas, bolsas e caixas. O bafo quente do sol da tarde na sala fechada há meses. Fico feliz em morar sozinha, mas não sei bem o que fazer. A geladeira vazia, o lençol de sabe lá quem. Vidros de creme pela metade. Sento no sofá e ligo a televisão. Os ônibus lá fora não me deixam ouvir o jornal. Nunca bebi, mas tenho vontade de um trago. Pego a chave e vou comprar pão com provolone. O porteiro não me conhece e não lhe dou confiança. Sinto náusea do medo de estar sozinha na casa dos outros. Passo a noite em claro, olhando pela janela as luzes que nunca se apagam. Quando por fim adormeço, o Rei Roberto invade o quarto pelo apartamento do vizinho. Bastante sol entra na casa e me sinto mais contente por morar ali. Arrumo minhas tralhas sem desarrumar as dos outros. Faço comida e me sinto orgulhosa do lar. Quando a solidão bate, domingo na hora do almoço, sem ter com quem falar, choro ou pego um livro ou passeio na praia.

Sempre morei em casas grandes, mas agora preciso me resumir a um quarto numa casa grande. Tenho uma pia, um forninho e uma geladeira, mas preciso compartilhar o banheiro e a cozinha com as outras moradoras. Um senso de bem-estar misturado com a estranheza de um abrigo comunitário.

Os longos corredores pintados de verde-água têm cerca de 50 portas e nenhuma janela. Chão de madeira antigo, com tacos soltos, que rugem quando alguém passa. Ruído seco, repetitivo. Poucas luminárias e nenhuma claraboia. Luz de verdade só nas salas de convivência e de televisão. Mulheres de roupão, de camisola e meia, que se reúnem para assistir noticiário e novela.

De repente o telefone toca e alguém precisa atender. Quem vai responder precisa cochichar, porque não se tem privacidade.

As mais jovens se juntam em uma das alcovas para conversar, fumar e beber. A toalha providencial tapa a fresta da porta, para não deixar escapar a fumaça. Bom Ar, incenso, colírio, risos, pipoca no micro-ondas, biscoito recheado. Faz-se brigadeiro no pequeno fogareiro da lavanderia que, em teoria, só se poderia usar para ferver água.

Os vizinhos da frente usam uma luneta para nos espiar.

Quando saímos escondidas, não tiramos o pininho do quadro de residentes. Subimos o alto da rua para conversar com os moleques.

Cada uma tem uma cidade e uma história. Eu tenho as minhas.

••••

Tudo em madeira, até as paredes. As janelas começam no chão e tocam o teto. A vista seria verde se a neblina não deixasse tudo algodão. A nuvem avança pela casa, mas é dissipada pelo calorzinho do aquecedor. Carpete velho, manchado, com alguns caroços de milho de pipoca que não deram certo. Cheiro de queijo frito. Murrinha de cachorro molhado. Azulejo azul e branco no banheiro mais frio da vida, de sair fumaça da boca.

Odeio incenso, mas acendo um para dar mais personalidade ao meu quarto. Também fumo cigarros. Uso a parte de baixo da bicama como mesinha de cabeceira para guardar tudo a que preciso ter alcance sem ter que sair do confinamento do edredom.

A casa que deu início ao condomínio é utilizada para festas. É uma mansão vulgarmente chamada de "casarão fantasma". Hoje ninguém lá reside, os quartos são trancados e as áreas sociais são mantidas para o desfrute dos condôminos. Ali, tão perto da minha casa, tenho acesso a um outro mundo, outro tempo. 1925, talvez. Tem uma sala de sinuca aonde sempre vou. Piano, candelabros, biblioteca, tapetes gigantes, mesa de 12 lugares, luminárias que começam no terceiro andar e terminam no primeiro, ecos. Já passei a noite ali sem querer, dormente num sofá de couro rachado, entre medo e álcool, lenha e bolor.

Aposso-me daquela casa abandonada e crio ali um lar temporário, um abrigo. De alguma maneira, estabeleço um ambiente para alojar-me o quanto for possível. Monto a minha pequena estrutura acolhedora. Entro naquela sala estranha e faço dela minha e desfaço-me dela em seguida, em tempo recorde. Histórias novas que se desençam a cada instância. A apropriação daquele lugar indevido. A ocupação daquele imóvel. Ninguém clama e eu invado. O lugar inóspito passa a ser a minha casa, com prazo de validade indeterminado.

Luiza Baldan

Maio 2010